

# REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA  
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: F. Cordas, E. Ferreira,  
M. Laranjeira, M. Lourinho, F. Mendes e E. Miranda

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.  
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso ..... 2\$00  
Assinatura anual ..... 20\$00

ANO XVIII

JULHO 1957

N.º 130

## POR QUE PERMITE DEUS O SOFRIMENTO?

por Leslie Hardinge

Donde vem o sofrimento?

Creemos no relato da criação do homem por Deus, conforme está registado na Bíblia. Aceitamos a verdade de que, ao terminar o Criador a Sua obra, o mundo e tudo quanto nele há eram perfeitos. (Gen. 1:31.)

Dizem-nos as Escrituras que a condição sob que o homem teria o domínio do mundo fundamentava-se na obediência aos mandamentos de Deus. Gen. 2:16 e 17.) Uns momentos de consideração convencer-nos-ão de que a lei tem que ser o fundamento do governo de Deus, assim como é de todos os governos. A ausência das leis gera a anarquia. A lei é a base da paz, da justiça e da santidade das relações, tanto humanas como divinas. A vida física e espiritual do homem é, pois regulada por leis. Uma vez quebradas as leis da natureza, temos como resultado inevitável sofrimento e morte.

A tentação de Satanás levou nossos primeiros pais a quebrarem a lei de Deus. Desde este momento entrou no mundo o pecado, pois «o pecado é o quebrantamento da lei». 1 S. João 3:4. Deus expõe com clareza as terríveis consequências do pecado. (Gén. 3:16-19) Tristeza e maldição, que subverteram a lei de Deus, seguiram-se surratemente. Desse mal participou a natureza inteira. (Rom. 8:20-22).

Assim, a Bíblia declara que foi a transgressão da lei de Deus, da

parte do homem, que produziu a tristeza, sofrimento e morte.

Portanto, nas palavras de Leslie Weatherhead, «ao analisarmos a maior parte das coisas a que chamamos calamidades, verificamos serem elas devidas à ignorância humana, ou à loucura e pecado humanos, não necessariamente da pessoa que sofre, mas motivada por algum membro da grande família humana».

Poderá ocorrer-nos a pergunta: Mas, por que não destruiu Deus o pecado e seu originador? A resposta é que Deus fez Suas criaturas capazes de escolher livremente. Satanás induziu nossos primeiros pais a uma escolha má (Gén. 3:1-7) e Deus decidiu conceder ao homem a oportunidade da reabilitação.

Caso não houvesse procedido dessa forma, ter-Se-ia revelado um arbitrário Ditador, e Suas criaturas teriam sido rebaixadas ao nível de simples autómatos, incapazes de actos racionais.

Uma vez estabelecidos estes princípios fundamentais da Escritura, estamos em condições de compreender a razão e o propósito de Deus no tocante às calamidades que sofrem tanto os indivíduos como as nações.

Para os sofrimentos que sobreveem aos homens por seus próprios pecados, ninguém tem margem para queixa. Como declara a própria Escritura Sagrada, «Tudo o que o homem semear, isso também ceifará». Gál. 6:7. «Por que

gritas em razão de teu quebrantamento? tua dor é mortal. Pela grandeza da tua maldade e multidão de teus pecados, Eu fiz estas coisas». Jer. 30:15. «De quem se queixa pois o homem vivente? queixe-se cada um de seus pecados». Lam. 3:39. Portanto, os profetas do passado atribuíram aos pecados dos que sofriam, a inteira responsabilidade de seus sofrimentos. E essa é a causa principal do sofrimento que hoje há — os pecados humanos, tanto de hoje como de ontem.

Não obstante Deus é tão misericordioso quanto justo, pois conquanto essa sementeira e colheita sejam a ordem natural da vida, Ele não exige que o culpado sofra em todo o tempo. «E depois de tudo o que nos tem sucedido por causa das nossas más obras», disse Esdras, «e da nossa grande culpa, Tu, ó nosso Deus, estorvaste que fôssemos destruídos, por causa da nossa iniquidade, e ainda nos deste livramento como este». Esdras 9:13.

Há, porém, outros casos em que o inocente sofre.

1. *Em desastres e acidentes.* Em consequência da queda original do homem, que atingiu a natureza inteira, ocorrem muitos desastres naturais. Disse Jesus, certa vez: «E aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Silóé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém? Não, vos digo». Luc. 13:4 e 5.

2. *Injustiça.* A injustiça está generalizada. Sofrem os homens inocentemente. Prosseguindo Jesus, disse: «Cuidais vós que esses galileus (cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios) foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? Não, vos digo». Luc. 13:1-3.

3. *Doenças Contagiosas.* Há também os que contraem doenças. Um dos primeiros frutos do pecado foi a doença. O próprio ar está infestado de germes. Certa ocasião suspeitaram os discípulos de que um cego houvesse contraído esse mal por causa de seus próprios pecados ou pelos de seus pais. Jesus respondeu: «Nem ele pecou nem seus pais». João 9:3. A doença e o sofrimento atingem

tanto o culpado como o inocente.

4. *Hereditariedade.* Também a hereditariedade tem papel saliente. Os filhos de um bêbedor ou de um libertino viciado podem sofrer «até à terceira e quarta geração». Núm. 14:18. Assim as sementes da doença e da depravação, semeadas pelos inconscientes, produzem frutos de miséria e degradação nos inocentes. Deus não opera milagres para apoiar os homens em sua tentativa de «colher uvas dos espinheiros e figos dos abrolhos».

Por que são permitidos esses sofrimentos?

Primeiro, para que nos arrependamos e não reincidamos em nossos próprios pecados nem nos de nossos pais, e escapemos assim da condenação final dos obstina-

dos. (1 Cor. 11:32; Isa. 9:13; Oseias 9:17; Prov. 3:11 e Apoc. 3:13).

Segundo, para que reconheçamos a perpetuidade da lei de Deus, e volvamos a essa lei, cuja queda foi o motivo principal de nossos sofrimentos, tanto directa como indirectamente. (Neem. 9:29; Sal. 119:67 e 71; 78:34 e 35).

Se bem que o sofrimento esteja contido na providência divina, devemos sempre compreender que somos castigados com medida. (Jer. 46:28). Não acontece nada por casualidade nas aflições que são permitidas, pois «todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por Seu decreto». Rom. 8:28.

## «Sim» para CRISTO, «Não» para o Mundo

por H. W. LOWE

Nasci e fui criado numa igreja anglicana. Tanto quanto me lembro, eu estava exposto à influência de belos cânticos, de orações soberbamente fraseadas, de ritual imponente, e à solene liturgia de reverente culto num ambiente inspirador. Tudo isto deixou impressões mais ou menos duradouras no meu espírito.

Em nossa casa havia uma grande Bíblia ilustrada, em torno da qual os nossos pais reuniam regularmente uma família bastante numerosa. Também isso deixou impressões duradouras na minha vida.

A maior parte da minha instrução elementar foi obtida numa grande escola primária wesleiana, onde cada manhã os professores ministravam lições das Escrituras que davam boas bases históricas e narrativas de conhecimento bíblico.

Apesar de todas estas boas influências cheguei à conclusão, quando me aproximava dos vinte anos, de que algo me faltava. Fui trabalhar num grande estaleiro naval e achei-me numa nova espécie

de mundo. Enfrentava agora um mundo em que os cristãos professos constituíam uma minoria. Quase todos os homens fumavam, bebiam, jogavam, dançavam, frequentavam espectáculos, etc.

Quando os meus companheiros começaram a contrair o hábito «viril» de fumar eu hesitei, mas sabia que estava «a dar nas vistas» e que em breve teria de dizer Sim ou Não. A maior parte dos jovens contraem maus hábitos como este porque os seus companheiros insistem com eles, e os jovens acham difícil tornar-se diferentes. Alguns de nós resistiram mais tempo do que outros, mas eu cheguei a conformar-me timidamente com o fumo numa maneira muito moderada. Não gostava, porém, e perguntava para mim mesmo por que não tinha mantido a minha posição e não tinha dito Não!

Por esta altura observei diversos homens ao meu redor que pareciam ser um pouco diferentes. Estava à procura dos cristãos entre os meus companheiros, e um deles, um atractivo e sorridente membro do

Exército da Salvação, estava-se esforçando por me ganhar! O velho Jimmy Tonge costumava falar comigo muitas vezes e, como Filipe em presença do etíope, «abrindo a sua boca,... lhe anunciou a Jesus». Actos 8:35.

Dentro de poucos meses, Jimmy aparecia com olhos sorridentes e um convite. «Aqui estão algumas maravilhosas reuniões em tenda perto da tua casa. Deves ir a elas», disse ele. «Estarei à tua espera hoje à noite às oito horas».

Eu sorri, mas uma reunião em tenda não exerce grande atracção para os episcopais, e não fui. Todavia olhei para o convite e pensei naquele velho para quem Jesus Cristo era tão real e presente. Que tinha ele que a mim me faltava?

Naquele verão fiquei cada vez mais desassocegado e infeliz. O teatro, o salão de dança, os jogos da bola, os companheiros alegres — nada me dava aquilo de que carecia. Por essa altura, parti de minha casa uma noite para um sítio onde haveria um baile, mas em vez de voltar para a direita,

voltei para a esquerda e dirigi-me para o campo.

Precisamente no limite da cidade passei por um edifício com uma porta aberta, através da qual ouvia cantar. Detive-me. «Deixa entrar Jesus em teu coração!» Não era o estilo solene de himnos que eu conhecia, mas espreitei pela porta e vi um bastante elevado número de pessoas num modesto salão e perto da porta lá estava Jimmy cantando com todo o entusiasmo.

Entreí devagar, e sentei-me logo junto dele, e ele segredou-me: «Estou tão contente por teres vindo! Tenho estado a orar por ti!» Ali fiquei sentado ouvindo e pensando, e subitamente vi o que ia mal na minha vida.

O Cristo que eu conhecia era uma pessoa histórica, que viveu há dois mil anos. O Cristo que o velho Jimmy e aquelas pessoas conheciam vivia com elas hoje! Acima do elevado ritual que eu amava es-

tava um Cristo algures nos altos céus, muito longe. Nestas pessoas Ele estava sempre vivo e sempre presente. Era a minha concepção de Cristo que estava errada.

A tempo estes adventistas deram-me uma nova concepção das coisas e eu entreguei o meu coração a um Cristo que não estava distante, ou vivera só há muito tempo; Ele estava comigo a cada momento, até no estaleiro. Eu disse-Lhe Sim e soube que agora podia dizer Não a todas as tentações do mundo e do diabo.

Quando no dia seguinte os meus companheiros me ofereceram um cigarro eu disse decididamente: «Não, obrigado, já não fumo!» E até hoje sempre que alguém me tem oferecido um cigarro eu não me limito a dizer: «Não, obrigado!», mas acrescento sempre a negativa formal e decisiva: «Não fumo!» Quando conhecemos a verdade como ela é em Jesus, sabe-

mos quando e como dizer Não ao tentador.

Spurgeon costumava dizer aos jovens: «Aprendeí a dizer «Não»; isso ser-vos-á mais útil do que saber latim».

O dizer Não à tentação não está dentro do poder de vontade do homem. Torna-se necessário dizer primeiro Sim a Cristo, que diz: «Filho Meu, dá-Me o teu coração». E quando o nosso coração e vontade se submetem a Ele, a Sua graça habilita-nos a resistir a todas as tentações.

«Toda a tentação resistida, toda a provação valorosamente suportada, traz-nos uma nova experiência, levando-nos avante na obra da edificação do carácter. A alma que, mediante o poder divino, resiste à tentação, revela ao mundo e ao universo celeste a eficácia da graça de Cristo». *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 103.

Fala-se muitas vezes da oração pelos doentes, mas raramente do papel da oração na conservação da saúde. Enquanto Tiago convida os anciãos a orar em favor do doente, o apóstolo João escreve: «Amado, desejo (*nota marginal da Bíblia inglesa: oro para*) que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai à tua alma». 3 João 2.

Um número recente do *Christian Century* contém, a este propósito, um artigo notável do Dr. D. L. Robertson. Declara ele: «Pede-se com frequência aos médicos que exprimam o seu pensamento acerca da cura pela oração, mas raras vezes se lhes pergunta o que pensam do papel da oração na manutenção e no fortalecimento da saúde. Da mesma maneira que creio, e disso recebo confirmação pela minha experiência pessoal, que a oração desempenha um papel certo na restauração da saúde, estou convencido de que ela exerce uma acção igualmente importante na sua preservação. A oração ocupa um lugar de destaque no domínio que se desenvolve tão rapidamente da medicina preventiva».

O Dr. Robertson explica como um «choque psíquico ou emoções prejudiciais entravam as funções fisiológicas normais». Declara ele: «O problema corresponde a perguntar-nos como deixaremos Deus tomar a direcção da nossa vida. Crer em Deus é, por certo, absolutamente necessário; no entanto, não é uma garantia de paz interior. O facto de reconhecer, cada vez mais facilmente, as numerosas manifestações da presença de Deus em nós e em volta de nós pode ajudar-nos muito, mas não significa que o nosso problema esteja resolvido. Conhecer a teologia, ter uma vasta compreensão das coisas de Deus é altamente proveitoso, mas não constitui ainda a resposta. Esta não se pode encontrar senão numa experiência pessoal mais profunda com Deus.

«É aqui que intervém a oração; ela é a via pela qual o homem aprende a conhecer a Deus pessoalmente, por experiência».

Quando alguém entra em contacto íntimo com Deus e sente bem próxima a sua presença, muito do que suscitava nele emoções negativas, egoísmo, enchendo o seu coração de medo e ansiedade, desaparece. Essa pessoa não tem o sentimento de insegurança, nem de solidão. Começa a compreender que Deus tem um plano para a sua vida, e que o ajudará sempre que seja necessário.

Naquele que entra assim em contacto com Deus pela oração, «esta velha máquina que é o nosso corpo modifica as suas defesas, e chama os seus cães de guarda. A pressão sanguínea diminui, a digestão faz-se mais facilmente, a ten-

## Oração e Saúde

por FREDERIC LEE

# ESTRANHAS PALAVRAS

Um as breves palavras que me foram dirigidas por um novo amigo adventista do sétimo dia na noite seguinte ao meu baptismo deixaram uma impressão em minha mente e no meu coração que me tem sido de inestimável valor durante os anos que se seguiram.

Minha mulher e eu tornámo-nos adventistas do sétimo dia quando tínhamos trinta e dois anos de idade. Eu possuía e administrava um lucrativo negócio. Era membro de muitos clubes, sociedades, etc. Sob o ponto de vista mundano tínhamos tudo quanto podíamos desejar. Mas o Senhor tinha outros planos para nós.

Através da Sua direcção, estudámos a Bíblia — um novo e estranho livro para ambos — durante

são nervosa desaparece, e o sono torna-se normal. Começamos assim a gozar de um fortalecimento da nossa saúde».

«Sim, conclui o Dr. Robertson, a oração é um factor vital tanto de cura para os doentes como de preservação da saúde para os sãos. É necessário que compreendamos melhor a oração e a utilizemos mais em vista da cura, para estar convencidos da sua eficácia. Mas é já tempo de orarmos também, cada vez mais, a fim de conservarmos a nossa saúde».

Quantas tristezas, doenças, e mesmo a morte poderiam ser evitadas se aceitássemos a Deus como o companheiro capaz de preservar a nossa saúde. Ao mesmo tempo que, neste mundo perverso, certas doenças são inevitáveis, há muitas outras, provocadas principalmente por nossa atitude mental perante a vida e os seus problemas, que poderiam ser evitadas. Como estaríamos então mais bem preparados para uma vida útil! Um contacto pessoal com Deus, pela oração sincera, é o caminho da prosperidade física e espiritual.

Por GLENN CALKINS

alguns meses sob orientação de alguns servos de Deus. Por fim chegámos ao ponto da decisão; seguiríamos todo o caminho com o nosso Salvador.

Fomos baptizados numa tarde de Sábado na velha igreja de Loma Linda, Califórnia, pois que a pequena igreja de Riverside onde vivíamos, não tinha baptistério. Na noite seguinte ao nosso baptismo, J. J. Nethery, então presidente da Conferência do Sudeste da Califórnia, e sua esposa, juntamente com C. C. Mattison, secretário-tesoureiro e sua esposa, e vários dirigentes de departamentos com suas esposas, passaram o serão em nossa casa. Tínhamos tomado conhecimento com alguns dos médicos e enfermeiras do Sanatório de Loma Linda e também com alguns dos estudantes para médicos e enfermeiras, bem como com alguns cutros, notando-se entre eles uma fiel irmã que nos ajudava em nossa casa.

Todos os membros com quem nos tínhamos familiarizado pareciam esplêndidos, tão diferentes das pessoas com quem estávamos acostumados a associar-nos. Pensávamos que eram quase perfeitos, e aprendemos a amá-los com todo o afecto. No decurso do serão, o Ir. Mattison, o novo amigo a quem fiz atrás referência, levou-me à parte e disse:

«Irmão Calkins, o irmão é agora um dos nossos, e compreendo que faz planos para passar alguns anos no Pacific Union College a fim de se preparar para o ministério. Desejo dizer-lhe algo, que talvez não compreenda inteiramente agora, mas que um dia compreenderá — lembre-se de que temos uma mensagem perfeita mas um povo imperfeito».

Estas palavras pareceram-me estranhas. Todos os membros com quem tínhamos entrado em con-

tacto pareciam tão fervorosos e santificados no seu serviço pelo Mestre que era quase inconcebível que algum pudesse não corresponder aos ideais da verdade que tínhamos estado a estudar e que acabávamos de aceitar. Mas como o Irmão Mattison falou com tanta sinceridade e como as palavras que ele proferira me pareceram tão estranhas elas ficaram indelévelmente gravadas na minha mente e no meu coração.

Depois de passar algum tempo no Pacific Union College, foi-me pedido para desempenhar as funções de gerente do Sanatório de Loma Linda e mais tarde de presidente da Conferência do Sudeste da Califórnia. Depois fui nomeado para a administração do Colégio de Evangelistas Médicos. Mais tarde, durante alguns anos, fui presidente da União do Pacífico, e finalmente presidente da Divisão Inter-Americana.

Nunca esqueci aquela simples frase que me foi dirigida há já muitos anos pelo Irmão Mattison. Ao continuar na Obra, o pensamento que ele expressou apresentou-se-me claramente através de muitas experiências. Repetidas vezes tenho agradecido a Deus pelo conselho dado e pela duradoura impressão que em mim fez.

Hoje digo aos irmãos na fé de toda a parte: Lembrem-se sempre de que temos «uma mensagem perfeita mas um povo imperfeito».

Ao levantarem-se as ondas do mundanismo ao nosso redor, há por vezes uma tendência para afrouxar um pouco as normas e tornarmo-nos descuidados e tíbios; mas devemos sempre acautelar-nos contra isso. Por vezes um membro de igreja ou até alguém com posição de responsabilidade na igreja pode ser um pouco descuidado, mas isso não deve desanimar-nos. Temos uma mensagem perfeita, ainda que sejamos um povo imperfeito. Mas se olharmos constantemente para Jesus e se nos submetemos às imposições e às condições do Espírito Santo poderemos atingir um nível superior.

# Os missionários voluntários celebram as suas Bodas de Ouro

por TEODORO LUCAS

Secretário do Departamento dos M. V. da Conferência Geral

Torna-se algo de universalmente maravilhoso acerca dos jovens o facto de podermos partilhar da sua juventude. Isto traz consigo uma responsabilidade inevitável, em especial para a igreja como um todo. A linha da sucessão torna naturalmente a nossa juventude em extremo importante para a vida, o crescimento e a actividade da Igreja.

Foi isto que levou os nossos antepassados a decidirem que algo devia ser feito em favor dos nossos jovens a fim de que pudessem organizar-se para o serviço. Houve um tempo em que não havia sociedades de jovens nas igrejas. Mas quando certas influências no mundo começaram a mudar o carácter do lar, da escola e da igreja de tal maneira que os jovens estavam sendo profundamente afectados, os nossos pioneiros descobriram que era tempo de agir rapidamente em seu favor. As Bodas de Ouro dos M. V. levam as nossas mentes a uma proveitosa retrospectiva.

Deus, que toma conta e conserva a Sua mão sobre as forças que actuam nas vidas dos Seus filhos, já viu que algo devia ser feito pela juventude. Tinha agora chegado o tempo de enviar, através do Espírito de Profecia, conselho urgente para que se organizassem os jovens da igreja. Esse conselho despertou a igreja, e em Maio de 1907, em Gland, Suíça, a Conferência Geral decidiu estudar a organização do Departamento dos Jovens da Conferência Geral.

Depois da decisão de Gland, foi convocada uma convenção de dirigentes dos jovens em Mount Vernon, Ohio, de 10 a 20 de Julho de 1907. Estava posto o fundamento da obra dos nossos jovens, tal como a conhecemos hoje. A mensageira do Senhor tinha falado da juventude da igreja como constituindo um exército, mas mal puderam compreender os que assistiram a essa convenção quão eficientemente a organização que estavam criando atingiria até aos confins do mundo. De cada língua, nação e povo debaixo do céu

se levantaria um vasto exército de jovens para o serviço. A Sociedade dos Missionários Voluntários tem procurado jovens nas mais pequenas igrejas, nas mais remotas regiões da terra, e tem-nos unido com outros jovens adventistas num poderoso movimento que rodeia o mundo.

Em 1907 as igrejas eram poucas e distantes umas das outras e o número de membros era diminuto. Havia menos de 100.000 adventistas do Sétimo Dia em todo o mundo. Só se tinha entrado em 78 países, e só 54 línguas estavam sendo usadas para a proclamação da mensagem adventista. Desde então, com o auxílio do belo exército de jovens adventistas que através destes cinquenta anos se têm alistado e treinado para o serviço, os membros da nossa igreja ultrapassaram a casa do milhão. A mensagem adventista tem ido a 185 dos 205 países mencionados pelas Nações Unidas. Trabalhamos em 202 línguas com a página impressa, e em 529 línguas oralmente, perfazendo um total de 731 línguas em que esta mensagem está sendo ensinada.

Este espantoso crescimento no campo mundial teria sido impossível se não fosse o abnegado serviço do valoroso e consagrado exército de Missionários Voluntários. Eles foram capazes de aprender novas línguas, de se adaptar a climas difíceis e novos costumes; e na sua marcha até novas fronteiras acenderam novos fochos de verdade onde acamparam. O exército da juventude tomará uma parte saliente na terminação na obra de Deus.

Os pioneiros deste movimento eram na sua maior parte jovens na idade e na experiência. Ao atingirem a maturidade, e ao espalhar-se a obra e ao aumentar o número dos membros, foram levados sob a direcção do Espírito de Profecia a estabelecer escolas para se

educarem jovens para o serviço. Desde os primeiros dias se reconheceu que os jovens devem tomar uma parte muito importante na proclamação da mensagem.

Estas Bodas de Ouro dos Missionários Voluntários encontram um exército de jovens que atinge a cifra de 418.000. Nesta grande ostentação de força potencial não devemos perder de vista os indivíduos. Os jovens necessitam de ser levados a uma definida experiência na conversão. Necessitam de conhecer Jesus.

Devia haver uma nova experiência no zelo e consagração por parte dos que trabalham pela salvação dos jovens. É um trabalho que requer o mais elevado e o melhor talento que se encontre na igreja. Os nossos jovens necessitam de ser instruídos nas verdades fundamentais da mensagem adventista. Os jovens respondem a um ensino claro e definido. No lar, na escola, na Sociedade dos Missionários Voluntários, devia dar-se instrução contínua que ajude os jovens a tornar-se conscientes da mensagem.

Estamos nos aproximando rapidamente dos acontecimentos finais dos últimos dias. A juventude tem direito a aguardar da igreja auxílio e guia nestes tempos. A própria igreja enfrenta uma crise nas suas relações para com este assunto.

Na oração de Jesus pelos Seus discípulos, declarou Ele: «Por eles Me santifico a Mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade». (João 17:19). Cada um deve tomar a sua parte nesta responsabilidade. Seja este um tempo de santificação entre os jovens da igreja e entre todos que têm interesse por eles. Queira o Senhor visitar-nos graciosamente e inspirar a todos com um urgente sentimento desta necessidade. Isto dará significado às Bodas de Ouro dos Missionários Voluntários.

# RECREAÇÃO AOS SÁBADOS

por ELISABETE RUSSELL

Talvez a expressão «recreação aos sábados» soe como um paradoxo aos vossos ouvidos, mas tendo em mente que a recreação foi definida como «uma mudança de ocupação», e que o Espírito de Profecia diz: «Há diferença entre recreação e divertimento, podemos ver que as duas coisas não são incompatíveis. É-nos dito adiante: «A recreação, na verdadeira acepção do termo — re-creação — tende a fortalecer e a construir. Afastando-nos de nossos cuidados e ocupações usuais, ela proporciona descanso ao espírito e ao corpo, e assim nos habilita a voltar com novo vigor ao sério trabalho da vida. O divertimento, por outro lado, é procurado com o fim de proporcionar prazer, e é muitas vezes levado ao excesso; absorve as energias que são necessárias para o trabalho útil, e revela-se, deste modo, um estorvo ao verdadeiro êxito da vida. *Educação*, pág. 207. Não poderemos chamar o sábado o dia de «recreação» de Deus para nós?»

Há dois extremos a serem evitados quanto às crianças. Um é esperar e exigir uma anormal quietação e cessação de sua habitual actividade, especialmente quando se trata de crianças pequenas; e outro, é permitir a hilaridade e mesmo o ruído que costumam fazer nos outros dias.

Quando eu aceitei a mensagem encontrava-me hospedada em casa de uma família adventista, e frequentava a escola normal. Um sábado, a Irmã N. disse-me:

— Elizabete, se estiver de acordo, depois do sábado levá-la-emos a casa do pastor F. para ali termos o seu estudo bíblico.

E na verdade fomos, passado o sábado, levando os N. consigo três meninos, respectivamente de sete, nove e onze anos de idade. O pastor F. estava hospedado com a esposa num sanatório particular, de maneira que, quando os meninos quiseram sair durante o estudo,

para brincar, a Irmã N. hesitou.

— Temo que vocês façam muito barulho, segredou. Não querem ficar sentados quietos aí, e escutar o pastor F. dar o estudo a Elizabete?

Ante a sua pergunta, o menor dos três olhou-a fixamente, dizendo:

— Mamã, eu fiquei sentado quieto durante a escola sabatina, não fiquei?

— Sim, meu filho, estiveste quietinho.

— E estive quietinho durante o culto, não estive?

— Sim, filho, hoje portaste-te muito bem.

— E depois, quando chegámos a casa, a mamã disse que era sábado, e tive de ficar quietinho, não foi?

— Sim, meu filho.

— E depois fomos à reunião dos M. V. e sentei-me quieto, não sentei?

— Sim, filho, foste um amorzinho hoje, sempre sentado quieto.

— Bem, mamã, não quero ficar mais sentado quieto. O meu assento está cansado!

Escusado será dizer que os meninos não foram mais forçados a estarem sentados e quietos durante aquele dia.

Conquanto a assistência à escola sabatina e ao culto pela manhã seja exigida, a reunião da tarde talvez pareça enfadonha às crianças. Se há suficiente número de crianças para isso (e não exige realmente muitas) uma Sociedade de M. V. Menores seria muito eficaz. A falta de direcção conveniente parece, em muitas igrejas, ser o maior obstáculo à organização dessa sociedade. É aí que a cooperação dos jovens mais velhos deve ser conseguida, com benéficos resultados para ambas as partes.

Um dos mais difíceis problemas para os pais é até que ponto se deve permitir que seus filhos se associem com companheiros mundanos aos sábados. Se as crianças

vizinhas podem entrar e ver livros de histórias bíblicas com os vossos filhos, unir-se-lhes em cantar hinos, em concursos bíblicos, então permiti-lhes estar juntos. Mas se isso importa em afrouxamento, como acontece por vezes, por parte das nossas crianças, então deveria haver mais restrição. Não creio que possamos ensinar nossos filhos a reverenciar o sábado a menos que nós mesmos o reverenciemos o suficiente para guardar cuidadosamente as actividades dos mesmos no santo dia do Senhor. Não creio que devamos perdoar qualquer coisa assim.

Bom seria que lêssemos com frequência, todos nós, o capítulo sobre a observância do sábado nos *Testemunhos para a Igreja*. Sei que eu necessito lê-lo muitas vezes. Aí encontraremos grande auxílio quanto à difícil questão de recreação apropriada aos sábados.

Uma vez que falámos de recreação, ou recreação do sábado, enumeraremos algumas coisas em que nos deveremos empenhar. No Vol. VI, pág. 361 dos *Testemunhos*, é-nos dito: «O sábado não deve ser um dia de inútil ociosidade. Tanto em casa como na Igreja, deve manifestar-se um espírito de serviço». E na pág. 362: «Todo o céu observa o sábado, mas não de uma maneira negligente, ociosa».

Deve haver de nossa parte um constante esforço para mostrar às crianças os trabalhos missionários práticos que elas podem fazer. A tarde do Sábado é um tempo excelente para efectuar trabalho missionário no próprio lar. Não há muito tempo, ouvi contar o caso de um menino de sete anos que está sendo exercitado por sua mãe a distribuir uma de nossas revistas no bairro em que moram.

Num aprazível sábado, empacotai um lanche (naturalmente preparado na véspera), para um piquenique, e depois do culto ide com as crianças para o campo; ou se isso é impossível, ide para um parque sossegado em que a tarde possa ser passada entre as deliciosas cenas da natureza, e com o Deus que a criou.

## FELICIDADE MATRIMONIAL

por A. D. DELAFIELD

Parabéns, jovens recém-casados!

Entrastes na fila dos esposos e esposas felizes cuja vida foi ligada pelos laços da mais íntima união. Lado a lado caminhais com outros construtores de lares na estrada da vida, rumo ao alvo de tornar cada vez maior o número de casamentos bem sucedidos.

Ainda está viva em vossa memória a irrequieta ventura do dia de vosso enlace e a emocionante experiência do momento em que transpusestes juntos os portais de vosso pequeno lar.

Sereis sábios se meditardes sobre as cenas do dia de vossos esposais, vezes e mais vezes — revivendo, ambos, aquele dia, a fim de manterdes sempre vivos na mente os deveres e votos que assumistes.

Não vos esqueçais de que a cerimónia matrimonial é o bilhete de passagem para o navio em que ides navegar no mar do matrimónio. Aliás, a cerimónia em si já mais será esquecida, pois ela é uma das mais jubilosas ordenanças da igreja, comemorando um acontecimento da mais alta significação, isto é, a coroação de duas vidas, ocasião esta das mais legítimas congratulações.

O casamento é ainda um repositório de bênção, tanto quanto o era quando saíu das mãos de Deus, no Eden. Esta relação vos oferece inestimáveis oportunidades para felicidade. Podeis considerar os privilégios e alegrias oriundas desta união como vossa herança directa de Deus. Expulsai da mente irrazoáveis temores e preconceitos que venham interferir na amálgama de duas vidas numa só. Vivei como deve viver um cristão, seguindo os ditames de uma consciência iluminada pelas Escrituras e bom senso comum e não precisareis temer os encargos que tendes assumido.

No próprio centro da felicidade conjugal há um princípio vital que certamente conheceis mas de que não tendes garantia. Aplicai este

princípio a vosso matrimónio e encontrareis felicidade.

«Só em Cristo é que se pode com segurança entrar para aliança matrimonial. O amor humano deve fazer derivar do divino os seus laços mais íntimos. Só onde Cristo reina é que pode haver afeição profunda, verdadeira e altruista». *A ciência do Bom Viver*, Pág. 309.

Por outras palavras, no centro da felicidade conjugal está uma pessoa — Jesus. Ele tem prioridade sobre vossas vidas. Ele vos criou e remiu. A Ele pertenceis em sentido mais real do que vos pertenceis um ao outro. Vossa responsabilidade para com Ele como Senhor e Rei da vossa vida está em primeiro lugar. A Ele deveis vossa primeira afeição e aliança.

À medida que O tornareis o centro de vossa vida, verificareis que vos ides unindo tão intimamente como os raios de uma roda tocam o círculo do cubo. Jesus é a fonte de vida e amor. Em Sua presença o amor mútuo será refinado e purificado, purgando desse natural egoísmo que gera a inveja, a crítica, a impureza, a cobiça, a indelicadeza, o orgulho, o autoritarismo e tantas outras mesquinhas que perturbam a tranquilidade e felicidade conjugal.

Tende vossos momentos especiais de oração. Ficai a sós com Deus. Falai-Lhe como ao vosso melhor amigo. Rendei-vos a Cristo e mantende-vos seguros a Sua graça. Recebei-O em vossos corações como um hóspede permanente. Recebei de Deus tudo quanto Ele oferece. Estai desejosos de recebê-l'O como Salvador, tanto quanto está Ele de receber-vos como filhos.

Às vezes sentireis ser difícil separar-vos um do outro para estar com Ele, mas deveis lembrar-vos de que a oração é um positivo dever que tendes para com Deus e uma obrigação de um para com o outro. Tomai tempo para vos desincumbir deste dever, se quereis

ser fortes e bem sucedidos no enfrentar os problemas que surgirão no vosso novo lar.

Agora, considerando deste ponto de vista, vamos descobrir se possível, alguns dos factores que tornam possível — duas pessoas viverem juntas como marido e mulher sem atritos desnecessários. Encontrareis dificuldades em aplicar vosso cristianismo a problemas específicos, a menos que deis cuidadosa atenção a cada factor neles envolvido.

Uma das mais importantes considerações dos jovens casais é de um lugar para viver. Naturalmente vossas finanças influirão grandemente na solução deste problema. Se tendes boa saúde, renda estável e dinheiro bastante para tanto, empregai-o numa casa que seja mesmo vossa. Garanti-vos um cantinho aseado nos arredores da cidade. Melhor ainda comprar uma casa no campo, saindo o marido cada dia para trabalhar. Haveis de notar que melhor se adapta a uma família a vida no campo do que a na cidade.

E quando vierem os filhos, este modesto lugarzinho, em pleno contacto com Deus, será justamente o lugar para eles.

A questão de onde morar, leva-nos ao assunto das finanças. Se o salário do marido é pequeno, pode ser necessário por algum tempo viver com os pais. Entretanto, não é muito interessante para o jovem par, viver os primeiros anos da sua vida de casados no mesmo lar que os pais.

Pode haver circunstâncias que exijam que os pais dele ou dela morem com os recém-casados, mas isto nem sempre é o plano ideal. Deve certamente prevalecer sobre os sentimentos naturais.

Há muitos aspectos na questão de viver em paz com os familiares. Especialmente devem os recém-casados dar exagerada importância a coisas de somenos. As seguintes virtudes são especialmente necessárias quando um jovem casal tem que viver com os pais de um ou de outro: largueza de vistas, paciência, domínio próprio, bondade, caridade e boa dose de senso comum.

# O ESPÍRITO DOS PIONEIROS

Os adventistas do Sétimo Dia estão mais ou menos familiarizados com a história dos primeiros anos do Movimento Adventista. Sabemos que este teve um início pequeno e pobre. Os pioneiros mostraram grande espírito de sacrifício, e só assim foi possível estabelecer os sólidos alicerces da obra que desde então se desenvolveu.

«Tem custado abnegação, sacrifício, energia indomável e muita oração para pôr os vários empreendimentos missionários no nível em que agora estão. Existe o perigo de que alguns dos que agora entram em actividade se conformem com ser inefficientes, pensando que não há agora tanta necessidade de abnegação e diligência, tanto trabalho difícil e desagradável, como o experimentaram os líderes desta mensagem; que os tempos são outros; e que, visto haver agora mais recursos na causa de Deus, não há necessidade de se submeterem às provações a que muitos se su-

jeitaram no começo da mensagem.

«Se, porém, a mesma diligência e abnegação fossem manifestas na fase actual da obra, como o foi no seu início, realizaríamos cem vezes mais do que agora fazemos». — *Testemunhos Selectos* (edição mundial), vol. III, pág. 52.

Isto mostra que os tempos mudaram, e que não há hoje tanta abnegação como no começo do Movimento. Mas é muito encorajador encontrarmos de tempos a tempos idosos e dedicados servos do Senhor que ainda cultivam o espírito dos pioneiros.

Recentemente encontrei de novo um dos nossos ministros retirado do serviço activo. Tem mais de oitenta anos de idade. Vive da sua reforma, e certamente não é rico. Possui uma pequena propriedade no campo, e ofereceu entregá-la à causa para ser usada como lar para pessoas de idade; mas o conselho não se sentiu livre para aceitar essa oferta. O irmão não

Por ROBERT GERBER

insistiu, mas calculou o valor da propriedade e, sem a vender, deu o valor dela à causa. Como ele conseguiu poupar dinheiro suficiente para esse fim é um mistério. Certamente apenas o seu amor e dedicação a Deus e à Sua mensagem tornaram possível esse dom. De qualquer maneira, este irmão fez uma oferta substancial à obra para cumprir a sua promessa. Agradecemos ao Senhor por este noble exemplo.

Podíamos mencionar outros casos que mostram que o espírito dos pioneiros está ainda vivo. Semelhante espírito será necessário para a finalização da obra. Possamos nós ver uma maior manifestação dele no meio do povo de Deus! Será então possível enfrentar as crescentes necessidades de hoje; e, como se lê no Espírito de Profecia, «realizaremos cem vezes mais do que agora fazemos».

## ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

### «Aos Pés de Cristo» em 75 línguas

O livro «Aos Pés de Cristo» acaba de ser publicado em cinco novas línguas. Esta obra existe assim, agora, em 75 línguas.

Desde o aparecimento da primeira edição inglesa, em 1892, foram publicados mais de oito milhões de exemplares deste livro.

### Nova Sede da Divisão Sul-Africana

Durante certo número de anos tem sido ventilada a ideia de se transferir a sede da Divisão Sul-Africana para uma parte mais central do território da Divisão.

Tem havido um crescimento e desenvolvimento fenomenal do nosso trabalho missionário na África Central e Oriental durante os últimos anos. Na altura da nossa reunião administrativa nos meados de 1956, o Conselho da Divisão estudou de novo o assunto e votou pedir o conselho da Conferência Geral.

Depois de cuidadosamente revisto o actual desenvolvimento do nosso programa missionário, e sentindo a urgência de integrar mais intimamente a direcção africana na organização denominacional, o Conselho da Conferência Geral no Concílio do Outono de 1956 votou aprovar a transferência da sede da Divisão Sul-Africana para Sa-

isbury, Rodésia do Sul. Já se fez esta mudança, sendo o endereço provisório: 4 Park Street, Salisbury, Southern Rhodesia. — R. S. Watts.

### O Filho do Chefe conta...

«O meu avô, Kasongo Niembo, era o grande rei dos *Baluba* antes do estabelecimento da administração belga.

Meu pai, Ilunga Mpafu, segundo filho daquele, sucedeu-lhe.

Alguns feiticeiros tinham trazido uma estátua em madeira, um fetiche chamado «*Ngoi-wa-kumai alubilanzi*». Este devia trazer a meu pai um reinado longo e próspero. Mas... o fetiche era exi-

gente. De tempos a tempos, era necessário derramar sangue humano sobre a sua cabeça de madeira.

Para obter esse sangue, Ilunga Mpafu dispunha de cinco homens de confiança que percorriam a floresta e a selva à procura de um homem ou de uma mulher isolados que matavam a golpes de lança. O temporal da vítima era traspassado com o auxílio de um prego e o sangue era recolhido em garrafas.

As escondidas, esse sangue era levado ao grande chefe que acumulava de favores a esses homens.

Depois, muito em segredo, o chefe, acompanhado de sua primeira mulher, ia derramar o sangue sobre a cabeça do ídolo.

O administrador teve conhecimento deste costume cruel, e acabou com ele prendendo meu pai e relegando-o para Kamina, e depois para a prisão de Kipushi, perto de Elisabethville, onde morreu alguns anos mais tarde.

Vim ao mundo em 1936, quando meu pai acabava de ser exilado. Minha mãe retirou-se para a pequena aldeia de Kala, onde voltou a casar-se.

Foi nessa pequena aldeia rodeada de belas palmeiras que me criei. A Missão adventista instalou ali um professor, e tive assim o grande privilégio de frequentar a sua escola. Foi lá que aprendi a amar a Deus e a observar os Seus mandamentos. Em 1951, o Pastor

Simon baptizou-me. Depois, fui para a escola central de Songa.

Agora estou no oitavo ano, e pertencço à classe finalista.

Tenho apenas um desejo: o de servir a Deus onde-quer-que possa ser útil e levár ao meu povo o evangelho do Reino.

Minha tia, «mamã Therezina», é uma auxiliar dedicada na maternidade de Songa. Com um coração cheio de amor materno, ela trata dos bebês e presta assistência às mães nos seus partos.

É ela que me tem alimentado durante o ano escolar.

29 de Março de 1957.

Songa (Kamina-Congo Belga)

*Bonival Kasongo*

## Um sacerdote budista estuda as lições do curso bíblico por correspondência

Estávamos levando uma amiga para ver o mundialmente afamado Buda de Kamakura, no Japão. A nossa hóspede era uma amiga dos tempos de colégio, que, agora como enfermeira, se dirigia para o nosso Sanatório de Bangkok, Tailândia.

Estivemos diante da magnificante imagem e sentimo-nos como que esmagadas pela sua imponente altura de 14 metros. Maçãs rosadas estavam no receptáculo de ofertas em frente da imagem, ao lado de outro receptáculo para ofertas em dinheiro. Desde 1945, em que um maremoto destruiu o templo em que se encontrava, este Buda de 105 toneladas tem estado ao sol, às tempestades e à geada, recebendo a reverência dos adoradores e a admiração dos turistas.

Tendo-lhe lançado um último olhar, deixámos o Buda, pensando em seguida num templo não muito distante que tínhamos visitado uns dezanove anos antes. Demos um breve passeio pelas lojas de curiosidades, e outras que tinham sempre artigos de comida, tais como, plantas marinhas, peixe seco, molho de soja — mas não arroz, por-

que o arroz ainda quase só se pode obter por racionamento. Em breve o «clique-claque» de solas de madeira no pavimento se dissipou, e voltámos para uma tranqüila rua transversal e subimos escadas que levavam, cada vez mais alto, até ao sítio do templo.

O edifício era muito modesto, embora o incenso no ar manifestasse a piedade dos adoradores. O templo a mim parecia-me muito escuro, mas um folheto em inglês colocado em minha mão por um sacerdote descrevia, com orgulho, a imagem de dez metros da Deusa da Misericórdia como tendo mil e duzentos anos de idade, esculpida em madeira de cânfora e dourada há uns seiscentos anos.

De acordo com o seu costume, meu marido deu um cartão de inscrição da Voz da Profecia ao sacerdote que estava na mesa da recepção. Imediatamente o seu rosto se iluminou.

«Voz da Profecia?» perguntou. «Oh, eu conheço-a».

Dizendo isso, de uma gaveta da mesa tirou várias das nossas lições bíblicas em japonês. Ali es-

Por RETHA H. ELDRIDGE

tavam as suas folhas de resposta testemunhando que as tinha estudado. Ficou surpreso por nos encontrar — e nós a ele. Com efeito, este encontro foi o facto mais importante do nosso dia.

Mais tarde quando J. E. Chase, do Departamento da Rádio da Conferência Geral, visitou o Japão, levámo-lo também a Kamakura, e apresentámo-lo a este sacerdote. Lembrai-vos, por favor, de Junpo Momonoi, o sacerdote budista, e orai para que não só ele mas muitos milhares de outros tomem conhecimento da última mensagem de Deus e encontrem Jesus, ao estudarem as lições bíblicas da Voz da Profecia.

**Este número foi visado  
pela**

**Comissão de Censura**

# NOTÍCIAS DAS NOSSAS ESCOLAS

## ÁUSTRIA

Ainda que o ano escolar agora terminado, com os 50 alunos que reuniu, não nos tenha permitido atingir o número de inscrições obtido durante o exercício precedente, constituiu, sob mais de um ponto de vista, um record na história da nossa escola missionária de língua alemã.

A idade, relativamente avançada, da média dos alunos produziu melhores resultados gerais nos estudos. Como os cursos clássicos correspondentes aos dois primeiros anos dos liceus são agora dados na nossa escola (salvo o Latim, ensinado por correspondência), o zelo dos alunos aumentou igualmente; estes têm com efeito a possibilidade de se preparar em parte para o exame de Estado do Curso Liceal. No próximo exercício, serão acrescentados a este programa os cursos do terceiro ano. Todavia, os êxitos obtidos devem atribuir-se em primeiro lugar a um corpo docente experimentado no domínio pedagógico, animado por um ideal adventista em matéria de educação, e exercendo as suas actividades em classes de poucos alunos.

Os jovens da nossa instituição entregaram-se de novo com alegria e dedicação ao trabalho missionário e de beneficência, bem como à colportagem. Certas famílias beneficiaram de estudos bíblicos regulares durante vários meses. As revistas e livros da Grande Semana venderam-se todos num só dia!

Muitos alunos manifestaram pelo trabalho manual um zelo louvável, que teve porém de ser reprimido no interesse dos seus estudos. Houve muitas vezes até doze empregados ocupados na nossa fábrica de colchões, cujo rendimento aumenta assim de ano para ano. Alguns desses jovens puderam cobrir deste modo quase todas as suas despesas durante o ano escolar.

A verdadeira educação no plano

humano e social não pode prosseguir senão num ambiente espiritual e intelectual favorável. O segredo da atracção dos alunos por Bogenhofen reside talvez precisamente no facto de que esta escola lhes oferece um pouco do calor e da beleza dum lar cristão, e de que, como no seio de uma família, ali se cultiva o sentido a responsabilidade colectiva e da consideração recíproca. Este espírito jãmais se viu tanto na nossa instituição como este ano. É por isso que dois refugiados húngaros nella acolhidos se sentiram como em casa. Do mesmo modo, o jovem que sua mãe ansiosa recentemente nos trouxe encontrou aqui um lar, e já não parece suspirar por um mundo que punha em perigo o seu corpo e a sua alma.

Nosso maior assunto de alegria é a nossa actual classe finalista do curso de pregadores. Consta de 12 alunos austríacos e suíços, o que corresponde a mais de um quarto da totalidade dos alunos. Jamais atingíamos semelhante número! Estes finalistas distinguem-se pelo seu carácter sério e zeloso. Ainda ontem eram condutores de locomotiva, marceneiros, electricistas, alfaiates, filhos de camponeses. Mas hoje, neste mundo maduro para a ceifa, as testemunhas vivas do que ouviram, aprenderam e viveram — ou seja, da graça suprema da salvação, que Deus lhes concedeu durante este ano escolar, a eles e a todos os professores e alunos da nossa escola. — *Paul Steiner.*

## ESPAÑHA

Ao contrário do que sucede noutros países da Divisão Sul-Europeia, a nossa escola de Espanha não está situada no campo mas na cidade. Lamentamos muito que assim seja, mas estamos gratos por possuir esta instituição onde os nossos jovens podem receber uma verdadeira educação cristã.

Foi em 1942, em Madrid, que ela abriu as suas portas. Apenas contava então 3 alunos; um deles exerce ali actualmente as funções de tesoureiro e professor. Desde o ano seguinte, ela teve de fechar até que, em 1944, foi legalmente reconhecida.

Actualmente, a escola de Madrid acolhe jovens de ambos os sexos, mas apenas tem internato para meninas, e isso por dois motivos: tem falta de alojamento, e não satisfaz as exigências do governo relativas ao internato de rapazes. Além disso, para que os estudos que aqui são feitos gozem de validade académica, nossos alunos devem fazer os seus exames num liceu oficial; e os que desejem ser empregados na nossa organização vão para o Seminário de Collonges, para ali completar a sua educação, uma vez que terminaram o programa de quatro anos oferecido por nossa instituição.

Nossos alunos vêm das diversas igrejas de Espanha, mas sobretudo de Madrid. Neste último caso, trata-se de alunos externos, alguns dos quais tomam a refeição do meio dia na escola para ganhar tempo. Os jovens procedentes de outras regiões do país comem na escola e estão alojados em famílias adventistas da vizinhança.

O número das inscrições eleva-se actualmente a 40 para os cursos secundários. Não estamos autorizados a ensinar as classes primárias. Muitos dos nossos alunos seguiram — e seguem ainda — o curso de tratamentos a doentes; infelizmente, uma nova legislação vai-nos forçar a suprimir este ramo do nosso ensino.

Como todos os nossos alunos vêm de lares modestos, talvez se pergunte como conseguem pagar as suas despesas. Têm apenas um meio à sua disposição para isso: a colportagem, porque a nossa escola não possui quinta, nem indústria que os possa empregar. Consoante as suas férias a trabalhar

fortemente, e a providência divina vem em seu socorro.

Todos os nossos alunos são adventistas, ou filhos de adventistas se são demasiado jovens para se terem decidido pelo baptismo. No seio da juventude da igreja, eles constituem assim um núcleo activo e consagrado, cuja influência se faz sentir em todos os domínios. Participando nas actividades dos membros, preparam-se para o ministério, que muitos dentre eles querem abraçar.

Até ao presente, apenas tivemos na nossa instituição de Madrid 4 alunos vindos do estrangeiro, porque diversas dificuldades nos têm impedido de organizar cursos de verão.

Apesar dos obstáculos que encontramos frequentemente, somos felizes por podermos prosseguir com a obra de educação em Espanha por meio da nossa pequena

escola. Pedimos a Deus que se digne continuar a abençoá-la, e a empregá-la para Sua glória. Recomendamos enfim a todos os nossos membros de igreja que lhe dêem o apoio das suas orações — *Isidoro Aguilar.*

## ITÁLIA

O ano escolar de 1956-57 começou na «Villa Aurora», em Florença, com um número de alunos ligeiramente inferior ao do exercício precedente: tivemos, com efeito, umas quarenta inscrições.

Graças à boa vontade de cada um, a actividade da instituição prosseguiu em condições favoráveis como de ordinário, o que permitiu, entre outros resultados, assegurar o pleno exito da campanha de colportagem anual.

Tivemos o prazer de baptizar

este ano três meninas, alunas da escola, e uma quarta que trabalha para ganhar as suas despesas do próximo ano.

Entre as notícias a assinalar, convém mencionar algo de inédito para nós: a preparação de alguns alunos para os exames de Estado. Esperamos que os resultados sejam satisfatórios e nos encorajem a prosseguir neste plano, que poderá oferecer à nossa escola possibilidades de desenvolvimento interessantes.

O ano escolar está prestes a terminar, e dentro de alguns dias uma nova classe de finalistas nos deixará. Os quatro jovens que a compõem estarão preparados, depois de terminados os seus estudos em Florença, para lançar-se na vida a fim de se consagrarem a outras actividades, mais fecundas, sob o olhar do Senhor. — *Bert B. Beach.*

# DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

## RELATÓRIO DE VENDAS REFERENTE A JUNHO DE 1957

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL	Totais de Jan. a Junho	
					HORAS	Livros e Revistas
Anselmo Gorgulho de Almeida .....	—	—\$—	—\$—	—\$—	180	28.760\$00
Manuel Correia Ratana .....	31	100\$00	900\$00	1.000\$00	406	22.380\$00
Adelino Nunes Diogo .....	136	1.205\$00	3.315\$00	4.520\$00	964	17.540\$00
Maria Luísa Saboga Serra .....	125	—\$—	3.100\$00	3.100\$00	674	17.500\$00
Inácio Duarte Conceição .....	117	685\$00	1.415\$00	2.100\$00	732	16.879\$00
António Gomes Duarte .....	211	1.450\$00	2.450\$00	3.900\$00	854	13.660\$00
Eliseu Gomes .....	82	225\$00	1.260\$00	1.485\$00	528	12.115\$00
Eduardo Moniz Andrade .....	46	80\$00	535\$00	615\$00	187	11.765\$00
Júlio Augusto Ribeiro Luís .....	79	82\$50	1.220\$00	1.302\$50	840	10.070\$00
Elias Mendes Rodrigues .....	25	—\$—	770\$00	770\$00	323	8.000\$00
Isaías da Silva .....	39	620\$00	20\$00	640\$00	477	7.272\$50
António Tomás Pinto de Aguiar .....	—	—\$—	—\$—	—\$—	278	5.446\$00
Alberto Narciso Nunes .....	—	—\$—	—\$—	—\$—	148	5.020\$00
Manuel de Oliveira .....	105	667\$00	60\$00	727\$00	711	4.752\$00
Aurélio Simões da Silva .....	12	—\$—	250\$00	250\$00	144	4.740\$00
António Antunes Maurício .....	25	—\$—	2.550\$00	2.550\$00	33	3.150\$00
Januário Quintino .....	—	—\$—	—\$—	—\$—	201	2.820\$00
Maria da Conceição F. Rezende .....	15	75\$00	150\$00	225\$00	213	2.672\$50
Joaquim Dias de Oliveira .....	—	—\$—	—\$—	—\$—	59	2.010\$00
António Maria Pereira A. Silva .....	—	—\$—	—\$—	—\$—	109	1.473\$50
Maria Ester Cardoso Guedes .....	—	—\$—	—\$—	—\$—	61	1.080\$00
Diversos .....	280	2.510\$00	500\$00	3.010\$00	2.248	33.860\$00
Totais.....	1.328	7.699\$50	18.495\$00	26.194\$50	10.370	232.965\$50



prática acima notada já existia no tempo de Paulo e era suficientemente conhecida para Paulo a ter usado no seu argumento. Não há prova histórica comprovatória, embora o argumento do silêncio não desaprove a possibilidade de que tal prática existisse. Outra objecção a este ponto de vista é que não é provável que Paulo citasse uma prática herética sem condenar tal prática. Todavia compare-se a parábola do rico e do Lázaro (Luc. 16:19-31).

#### *Outras opiniões resumidas*

Não se torna necessário alongar esta lista de opiniões. Algumas outras muito brevemente resumidas

são: (1) que «pelos mortos» significa «com interesse na ressurreição dos mortos», isto é, pelo seu baptismo esperavam participar na ressurreição; (2) que «pelos mortos» significa «imediatamente após os mortos», isto é, serão reunidos aos mortos imediatamente depois do baptismo. Esta interpretação é sugerida tendo em vista a prática de alguns cristãos que adiavam o baptismo até muito próximo da morte; (3) que «pelos mortos» significa como resultado das orações e influência daqueles que morreram e conversão dos seus amigos; (4) que «pelos mortos» significa «preencher as vagas deixadas pelos mortos».

Em presença da observação que

acaba de fazer-se parece que o melhor é admitir que o significado exacto da passagem é incerto. O argumento do apóstolo era sem dúvida compreendido pelos leitores da epístola. Se não era ou se era mal aplicado Paulo teve oportunidade pouco tempo depois para esclarecer este ponto de vista porque chegou o Corínto uns oito ou nove meses depois. Nenhum ponto vital de doutrina está envolvido na passagem a não ser que os crentes de certa denominação aplicam mal este ensino. A isto basta apontar que os seus pontos de vista não estão em harmonia com o que as Escrituras ensinam noutras partes acerca do baptismo e da responsabilidade pessoal na salvação.

## Departamento de Publicações da União Portuguesa

### Curso Anual de Colportagem

Tivemos a grande satisfação de reunir mais de vinte colportores na nossa Sede de Lisboa de 13 a 16 de Junho para o Curso Anual de Aperfeiçoamento dos Colportores da União, superiormente orientado, como sempre, pelo Pastor F. Charpiot, Secretário de Publicações da nossa Divisão.

Os três dias úteis — quinta e sexta-feira e domingo — foram divididos em dois períodos de trabalhos, precedidos, cada manhã, às 9 horas, por um culto devocional seguido de reunião de oração, e a tarde de Sábado foi ocupada pelos colportores, que, durante três horas, apresentaram à Igreja de Lisboa edificantes experiências, que por certo todos muito apreciaram.

O Pastor Charpiot, com a sua longa experiência e comprovada competência, ocupou a maior parte do tempo nos períodos da manhã e da tarde dos três dias mencionados, quer falando da elevada importância da Colportagem, da preparação física, moral e espiritual do colportor, da arte de vender, do aproveitamento do tempo e do território, quer de inúmeros pormenores técnicos e táticos de tão nobre como difícil trabalho, ilustrando, sempre, com as mais eloquentes experiências, todas as suas demons-

trações, que foram autênticas lições práticas, muito proveitosas para quantos dedicam a sua vida a tão honrosa profissão.

Com uma sempre irradiante simpatia e um entusiasmo comunicativo, tão peculiares ao Pastor Charpiot, foi sobejamente salientada a missão do colportor como sendo inspirada divinamente à Irmã White e bem vincada a parte gloriosa que cabe a cada homem ou mulher na salvação das almas através da página impressa ou do contacto pessoal, como foi destacada como sendo a mais prática escola que se conhece para revelar vocações a obreiros de valor para os mais variados ramos de actividade da grande vinha do Senhor.

Ao encerrarmos o referido curso animámos os colportores a fixar objectivos de vendas e de inscrições no curso de doutrinas por correspondência, registando-se com grande satisfação que, se todos conseguirem alcançar os seus alvos, ultrapassaremos os 500 contos e 500 almas conduzidas a Jesus e postas em contacto com a Escola Rádio Postal.

Todos partiram para os seus campos animados dos melhores propósitos e o Pastor Charpiot despediu-se de todos radiante por mais esta vez ter passado dias tão abençoados com os simpáticos colportores de Portugal.

Que o Senhor ajude a todos e abençoe os esforços empregados por cada um para conseguir a realização da parte a que se devotou, são os votos sinceros do vosso conserto no Senhor.

#### EMISSIONES ADVENTISTAS

Temos o prazer de anunciar que, a partir de 15 de Julho, as emissões adventistas portuguesas se poderão ouvir, em melhores condições do que anteriormente, através de

#### Rádio África Tânger

506 m (593 kc), todas as segundas-feiras, às 21 horas.

Ouvi e anunciai

# IMPRESSÕES DE COLLONGES

Querendo aproveitar a oportunidade, que me foi tão amavelmente oferecida pelo pastor Ferreira, de dedicar aos leitores da Revista umas breves linhas exprimindo algumas das impressões que trago do nosso já tão bem conhecido seminário de Collonges-sous-Salève, é com prazer que aqui o faço, tendo embora o sentimento de apenas repetir o que outros em circunstâncias idênticas têm feito. É assim que me venho juntar ao número dos que, após uma boa experiência ali passada, guardam do «Sèm» uma preciosa colecção de gratas recordações.

Não pretendo deter-me sobre as belezas naturais e a magnífica paisagem que desfrutam os privilegiados alunos daquela escola; o contacto com a Natureza constitui ali uma vantagem inapreciável, meio que permite um bom equilíbrio intelectual e físico e ao mesmo tempo contribui para a elevação do espírito e a pureza da alma. Tenho ainda bem presente uma incursão no Salève, tão rica em lições espirituais, que forneceu ao meu colega Narciso assunto para todo o sermão.

O seminário de Collonges é uma escola tipicamente internacional. Quem ali chega no princípio de um ano lectivo, pela primeira vez, tem a impressão de assistir a uma nova confusão das línguas, porque simultaneamente se ouve falar francês, alemão, inglês, jugoslavo, italiano, espanhol e até português. Não admira que a primeira impressão seja a de uma «Babilónia». Isto não impede que comecem logo as tentativas para um intercâmbio de amizades, apelando cada um para todos os seus recursos linguísticos e mímicos, e que, passado pouco tempo, todos comecem a compreender-se perfeitamente num curioso idioma cheio de variantes a que poderíamos chamar francês.

Toda esta variedade, não só de línguas, mas também de idades, de caracteres, de temperamentos e de

hábitos, talvez tornasse impossível a vida em comum assim como qualquer ordem ou disciplina, se aqueles jovens não fossem em grande parte bons cristãos animados pelo espírito do serviço e pelo desejo de aprender. Digo em grande parte porque também ali se encontram jovens sem ideal elevado e alguns mesmo que não professam a nossa fé, cujo único objectivo é o de aumentarem os seus conhecimentos das matérias liceais ou do francês. Isto pode constituir um perigo para alguns dos mais novos que não se saibam orientar na escolha das companhias e que se deixem levar pela frivolidade. Graças a Deus, porém, que é igualmente possível encontrar ali muitos bons elementos de quem importa copiar as virtudes e não os defeitos. Um ambiente como o de Collonges pode e deve ser o ideal para a formação de caracteres nobres, com uma visão larga de todos os problemas da juventude e da vida em geral. Ao mesmo tempo, aqueles que se preparam para a evangelização e o pastorado têm ali oportunidade de aprender a exercer o ministério ao qual se destinam, pelo exemplo e pelo contacto pessoal com os colegas mais fracos.

Nunca poderei esquecer certas reuniões espirituais em que vi e ouvi coisas que dificilmente creia poderem vir da parte de jovens, se não tivesse estado presente. Tive

muitas ocasiões de poder constatar o Espírito de Deus directamente à obra nos corações daqueles que à primeira vista pareceriam parecer destituídos de qualquer valor espiritual. Se quisesse descrever aqui algumas destas experiências, faltaria-me neste momento o tempo e o espaço para fazê-lo. Dir-vos-ei apenas que esta segunda impressão era agora a de um verdadeiro «Pentecostes», até pela diferença das línguas em que alguns se exprimiam com Deus. A verdade é que, se Collonges pode ser olhado com pessimismo por alguém, não o é por aqueles que lá foram com o propósito definido de se prepararem para o serviço do Mestre.

Aqueles que aspiram ir a Collonges ou que em breve lá se encontrarão, aproveitem para fazer algumas recomendações que lhes serão muito úteis. Não vos deixeis iludir pelo que vos possa parecer torto à primeira vista, nem deis muito crédito ao que camaradas sempre dispostos a criticar e nunca a colaborar vos possam dizer; orientai as vossas relações e, sem procurar isolar-vos, escolhei antes a companhia daqueles que fazem alguma coisa; não vos esqueçais de que mesmo no Céu existe uma ordem e uma disciplina, e

Bom exito!

D. Vasco

---

## Notícias do Campo

*Pastor F. Charpiot* — A fim de dirigir um Curso de aperfeiçoamento para Colportores, esteve em Lisboa, de 12 a 17 de Junho, o Pastor F. Charpiot, secretário do Departamento de Publicações da Divisão Sul-Europeia.

*Mrs. W. A. Wild* — De 28 de Junho a 6 de Julho esteve em Portugal Mrs. W. A. Wild, que dirigiu dois interessantes Institutos de Evangelização através da

Escola Sabatina Infantil — o primeiro no Porto e o outro em Lisboa.

### Funchal

Está ainda na recordação de muita gente, o terrível aluvião que caiu na Madeira, em 3 de Novembro do ano findo.

Foi uma catástrofe que ainda hoje deixa ver os sinais da sua

passagem, e estou certo que eles ainda se manterão por muito mais tempo.

Foi um dia triste de sinistra recordação. Muitas famílias sobretudo nas freguesias de Santa Cruz e Machico, perderam as suas terras e bens. Os gados foram arastados pela torrente e dentro das casas perigaram os seus habitantes.

Na América do Norte, imediatamente se põe em movimento, sobretudo por parte dos madeirenses que allí residem. um sentimento de solidariedade. Formam-se Comissões, fazem-se apelos, pela rádio e pelos jornais, grupos pedem dinheiro e roupas, para minorarem a desdita destes infelizes.

A Igreja Adventista na Madeira, recebe uma comunicação, da Comissão da América, com o fim de nos pedir a nossa colaboração, no sentido de distribuírmos o dinheiro e roupas que lá foram angariadas.

Foi uma honra que muito nos sensibilizou, por sabermos que esse dinheiro e roupas foram adquiridos por pessoas que não pertenciam à nossa denominação, o que demonstra sem dúvida o alto espírito em que é tido o nosso movimento nesta grande nação.

Formámos na nossa Igreja imediatamente uma Comissão, composta por seis membros. Pusémos-nos imediatamente ao trabalho. Recebemos 55 contos (que foram distribuídos com a presença do presidente da comissão da América, que durante oito dias esteve connosco). Semanas depois chegáramos 4 toneladas de roupa em malas e caixotes. Foi tudo dividido por secções. Fizemos os embrulhos conforme as necessidades de cada pessoa ou família a contemplar.

Assim na quarta-feira, 26 de Junho na parte da tarde, dirigi-mo-nos para Santa Cruz e Machico, para a distribuição. Teve a gentileza de nos acompanhar. Sua Excelência o Senhor Governador Civil do Funchal, estando presentes os respectivos Presidentes das Câmaras.

Foram distribuídos em Santa Cruz 2.500 peças de roupa e calção, sendo beneficiadas 100 famílias. Em Machico distribuímos cerca de 8.000 peças, auxiliando 172 famílias.

Assim nos desempenhamos numa tarefa nobre, mas ao mesmo tempo trabalhosa. E os nossos votos são, que estas roupas tenham trazido um pouco mais de conforto a estes infelizes.

## Festa das Mães

No passado dia 30 de Junho, foi levada a efeito, uma festa das Mães, na qual tivemos o ensejo de ouvir belos diálogos, poesias, músicas e alguns coros.

Foi uma festa inolvidável, que sem dúvida nenhuma, agradou a todos quantos a ela assistiram.

Por tudo quanto foi apresentado, só temos a agradecer à presada Irmã Emília Laranjeira pelos esforços dispendidos, para que esta reunião se efectivasse.

Que o Espírito do Senhor seja com a Juventude da Igreja do Funchal, para que se desempenhe eficientemente da sua missão de Missionários Voluntários.

A Secretária dos M. V.  
*Gabriela Teixeira*

## Alvalade

As notícias que sempre despertam mais interesse aos leitores das nossas revistas denominacionais, são sem sombra de dúvida, as que relatam a marcha e o progresso da Obra de Deus através do mundo.

A única razão para uma tão justa curiosidade é, certamente, o anseio com que desejamos ver terminada a proclamação da mensagem em toda a Terra e que chegue breve o dia da nossa entrada no Lar que Jesus nos foi preparar.

Em face deste desejo, é com justificado regozijo que constatamos o bom acolhimento sempre dispensado pelos redactores das nossas revistas às pequenas notícias que se lhes pede que insiram nas suas colunas. Elas não somente constituem o melhor material para o leitor adventista mais exigente, senão que também sem tal espécie de leitura a revista acabaria por não interessar.

É nosso prazer falar-vos hoje das actividades de uma das mais novas igrejas da Conferência Portuguesa — a Igreja de Alvalade.

Durante quatro meses, mantivemos contacto ininterrupto com os habitantes de uma grande parte deste extenso bairro, por meio de convites de porta em porta, para as nossas reuniões públicas. Era esta a primeira experiência em forma que se realizava em esforços de evangelização nesta cidade, fora da Rua Joaquim Bonifácio, pelo menos nestes últimos 20 anos. Se outro interesse daí não tivesse resultado, seria já motivo de regozijo registar o entusiasmo que tal trabalho despertou no coração dos membros da Igreja e da Sociedade de Jovens. Ninguém ficou ocioso. Cada Sábado, saiam

em grupos percorrendo cada rua, batendo às portas, subindo aos andares e, vencendo por vezes a resistência tenaz das porteliras, conseguiam colocar dois, três e até quatro mil convites.

Bastantes vezes tivemos a alegria de ver, praticamente, cheio, o nosso salão, que comporta para cima de 200 pessoas sentadas.

Sabemos que muitas pessoas das que eram abordadas cada semana com os convites, se sentiam saturadas com «tantos papéis». Contudo, os nossos zelosos Irmãos não desanimavam em estabelecer contactos, pois sabiam que o seu trabalho não seria vão e ansiavam por resultados. Como consequência de tão ingente esforço citaremos apenas um exemplo: Uma Senhora que tantas vezes tinha encontrado na sua caixa do correio ou debaixo da sua porta esses convites, acabou por fixar cada tema de dissertação e, finalmente, disse ao seu marido: «já que esta gente insiste tanto para que os vamos ouvir, acho que deveríamos lá ir; vamos lá ver o que isto é!» O interesse logo se despertou em seus corações por um maior conhecimento da nossa mensagem, e hoje três pessoas da mesma família estão frequentando regularmente a Igreja, são membros da Escola Sabatina e a Senhora pediu já o seu baptismo.

Este longo esforço, encerrou com uma cerimónia de baptismos. O Sábado 1 de Junho, foi um dia abençoado para a nossa pequena congregação, que teve o prazer de assistir ao baptismo de 7 candidatos. Partilhámos a alegria desses novos membros e daqueles que ajudaram a conduzir essas queridas almas ao Senhor.

Contamos, dentro em breve, levar às águas do baptismo um novo grupo de almas que o Senhor desejou dar-nos como resultado do já citado esforço de evangelização.

Pedimos a todos quantos nos leem que orem por esta nova Igreja, e por nós, para que nos seja dado ver crescer o trabalho neste sector da grande cidade de Lisboa. Permita o Senhor que, muito em breve, possamos constatar a abertura de novas casas de culto noutros bairros desta vasta cidade, cujo rápido desenvolvimento nos espanta e constitui um repto ao povo de Deus, que vive comodamente sentado em «Jerusalém» ou «debaixo dos salgueiros exprimindo lamentações», enquanto milhares de almas morrem à margem do conhecimento das verdades solenes que Deus deu ao Seu povo para esta hora conturbada da história do mundo.

*P. Brito Ribeiro*

# MORDOMOS DE DEUS

Por OWEN A. TROY

A mordomia cristã inclui, não há dúvida, o devido uso de nossos meios e posses materiais. A expressão tem entretanto, um sentido muito mais amplo do que muitos reconhecem.

Definiu-a alguém nos seguintes termos: Mordomia cristã é a prática de dar sistemática e proporcionalmente o tempo, habilidade e posses materiais, na convicção de que esses são legados de Deus, para serem usados em Seu serviço, para benefício de toda a humanidade, em grato reconhecimento do amor remidor de Cristo».

Assim, a mordomia cristã expõe um plano de vida — o propósito de manter-nos sempre constantemente apercebidos da nossa responsabilidade e privilégio individuais nesta divina sociedade de administrar conscienciosamente tudo que Deus nos confiou. A ênfase é posta no dar sistemática e proporcionalmente — dar tempo, talentos e recursos materiais.

Não é aqui necessário reafirmar os reconhecidos princípios básicos que estabelecem o facto de que todo o mundo é propriedade de Deus, e de que, como filhos Seus, somos Seus mordomos. Mas é importante lembrarmo-nos de que: «Requer-se nos dispenseiros que cada um se ache fiel». 1 Cor. 4:2.

Esta declaração é feita, primeiro que tudo, por amor do próprio homem; em segundo lugar, para benefício de toda a humanidade; e por fim, como meio de mostrar nosso reconhecimento a Deus, por Seu amor que nos redime. Muitas vezes esquecemo-nos do aspecto da gratidão, em nossa mordomia.

«A vida é um legado, uma santa mordomia; possuir, é ter dívida». Eis um formoso pensamento: quem possui, deve, pois é maior sua obrigação de fazer o bem. Disse alguém que a mordomia tem uma relação triangular para com o nosso ambiente: um dos ângulos apon-

ta para cima — nossa relação para com Deus; outro ângulo aponta para dentro de nós — nossa relação para com nós mesmos; o outro ângulo aponta para fora — nossa relação para com os outros.

Reconhecendo a grandeza de Deus e a responsabilidade do homem para com Ele e Seus filhos, torna-se assim a mordomia uma atitude espiritual, um factor impelente, uma filosofia da vida — expressão de gratidão em termos de viver, servir, dar. Nesta vida de servir e dar, os valores humanos colocam-se acima dos valores materiais; e o valor da personalidade humana a despeito de nacionalidade, cor ou classe é reconhecido como o remate da obra criadora de Deus. Semelhante espécie de mordomia abrange, pois, nossos pensamentos, tempo, talentos e tesouro.

1 Crón. 29:5 fala em «encher a sua mão, para oferecer hoje voluntariamente ao Senhor». O mordomo cristão e consagrado virá à presença do Senhor com a mão cheia de serviço cristão. Nesse relato relacionado com a construção do templo de Salomão em Jerusalém, David fez um apelo ao povo: «Quem, pois, está disposto a encher a sua mão...?» O resultado mostra-se no v. 9: «E o povo se alegrou do que deram voluntariamente». No v. 14 David reconhece que Deus é Criador e possuidor de tudo: «Quem sou eu, e quem é o meu povo, que tivéssemos poder para tão voluntariamente dar semelhantes coisas? Porque tudo vem de Ti, e da Tua mão To damos». Aí encontramos o segredo dessa voluntariedade da parte do povo, de oferecer ao Senhor seu serviço e dádivas.

Se fomos realmente de Deus — se Deus nos tem como Sua propriedade — prestar-Lhe-emos então voluntário e fiel serviço, sem necessidade de a isso sermos muito instados. Como «bons dispenseiros

da multiforme graça de Deus» (1 Ped. 4:10), seremos voluntários coobreiros de Deus, em sagrada sociedade.

Esses aspectos mais amplos da mordomia da vida toda, não são ensinados somente nas parábolas de Jesus, mas são também claramente expostos nos escritos de Ellen White, onde a autora acentua a responsabilidade do homem para com Deus quanto ao seu tempo, habilidades, influência e de muitos outros talentos a ele confiados, além de suas posses e dons materiais. O delicado toque da mão do médico e a habilidade com que o carpinteiro usa o martelo, são exemplos de dons que os homens devem usar com inequívoca aptidão, testificando que são coobreiros de Deus... A beneficência prática, a abnegação e o sacrifício... têm influência para o bem, sobre aqueles com os quais ele se associa». *Counsels on Stewardship*, págs. 114 e 115.

«Cada mordomo», continua o comentário, «tem sua obra a fazer para a promoção do reino de Deus. Ninguém é excusado... Os talentos da fala, memória, influência, propriedade, devem ser acumulados para a glória de Deus e o avançamento de Seu reino. Ele abençoará o legítimo uso de Seus dons». *Idem*, pág. 116.

Quando a brilhante beleza e verdade de uma mordomia que tudo abrange, forem conscientemente reconhecidas em nossa vida, raiará para nós um novo dia de serviço cristão e sociedade com Deus. Não só reconheceremos o domínio e o direito de propriedade de Deus nos aspectos materiais das nossas relações, mas reconhecê-los-emos também mediante o uso sistemático e proporcional de todos os nossos talentos e habilidades para erguer a estrutura de Seu reino.